

Racismo estrutural e marginalização dos negros em canções dos Racionais MC's

Livia da Costa de Miranda¹

Orientador: Prof. Gilliale de Souza Jeremias²

Resumo: O artigo investiga como as canções "Voz Ativa" e "Negro Drama", do grupo Racionais MC's, representam a marginalização da população negra brasileira. A partir da lente do racismo estrutural, a análise foca em três estratégias linguístico-discursivas: a polarização "nós vs. eles", o campo semântico da violência e a fala direta ao interlocutor.

Palavras Chave: Racismo estrutural; Rap nacional; Marginalização.

Abstract: This article investigates how the songs "Voz Ativa" and "Negro Drama", by the group Racionais MC's, represent the marginalization of the Black Brazilian population. Through the lens of structural racism, the analysis focuses on three linguistic-discursive strategies: the "us vs. them" polarization, the semantic field of violence, and direct address to the listener.

Keywords: Structural racism; Brazilian rap; Marginalization.

Introdução

Atualmente, embora a Lei Áurea tenha abolido oficialmente a escravidão há mais de 130 anos, 84 a cada 100 negros brasileiros relatam já ter sofrido discriminação racial (MOURA, 2025). Tal dado revela que, no Brasil, o racismo não se restringe a um período histórico específico, mas constitui um sistema que ultrapassa a simples organização das instituições e dos espaços privados, manifestando-se de maneira naturalizada em todos os níveis das relações interpessoais (BERSANI, 2018). Nesse sentido, trata-se de um racismo estrutural, historicamente responsável pela marginalização da população negra. Dessa forma, uma vez que o contexto social de um país influencia significativamente os trabalhos artísticos produzidos no mesmo, o racismo estrutural é recorrente nas produções brasileiras, especialmente naquelas associadas a experiências de grupos que são afetados diretamente por esse problema.]

Este artigo procura responder à pergunta "Como as letras "Negro Drama" e "Voz Ativa", dos Racionais MC's, representam a marginalização da população negra produzida pelo racismo estrutural brasileiro?".

A escolha desse questionamento decorre da centralidade que o rap ocupa na discussão racial contemporânea. Desde os anos 1980, o rap no Brasil desempenha o papel político fundamental de desvelar discursos invisibilizados publicamente. Entre os artistas que mais têm contribuído para essa função estão os Racionais MC's, uma das vozes centrais da pauta racial brasileira. Suas letras retratam diretamente o que o grupo já viveu, o que confere nuances profundas às composições. Essa característica

¹ Aluna do 3º. ano do Ensino Médio da Beacon School – <https://www.beaconschool.com.br/en/home-english/>

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Professor da Beacon School.

aproxima-se do conceito de escrevivência, proposto por Conceição Evaristo, que articula experiências individuais e coletivas na escrita, a partir especialmente das vivências de mulheres negras (EVARISTO, 2020). A partir desse recorte autoral, as músicas “Voz Ativa” e “Negro Drama” foram selecionadas como *corpus* por demonstrarem momentos distintos da trajetória do grupo e, consequentemente, evidenciarem a permanência do racismo estrutural ao longo de décadas.

A canção “Voz Ativa”, do álbum “Raio X Brasil”, foi lançada em 1993, em época na qual as periferias de São Paulo, onde os integrantes do grupo moravam, eram consideradas as regiões mais violentas do mundo (MENEZES, 2020). Tal contexto torna visível a expressão concreta das desigualdades raciais estruturadas no país, uma vez que os territórios majoritariamente ocupados por negros eram os que concentravam as piores condições de vida. Já “Negro Drama”, do álbum “Nada Como um Dia Após o Outro Dia”, foi lançada em 2002, um momento de consolidação do rap nacional, em que as críticas presentes no gênero passaram a ganhar mais espaço consistente no debate público. Nesse sentido, ambas ocupam posição central na trajetória artística dos Racionais MC’s e condensam o estilo estético e político do grupo.

Além disso, este trabalho mobiliza o conceito de racismo estrutural a partir da lente de Silvio Almeida, um dos principais responsáveis pela difusão da expressão no Brasil. Concomitantemente, para responder à pergunta, este ensaio concentrou-se em três estratégias recorrentes em ambas as canções.

Primeiramente, a oposição “nós vs. eles”, analisada à luz da teoria da representação de Stuart Hall, foi escolhida a fim de entender como o racismo estrutural constrói polarizações identitárias como justificativa para a marginalização da população negra. Em seguida, o campo semântico da violência, a partir de estudos de Norman Fairclough, será examinado como recurso que expõe a brutalidade imposta aos negros pelo racismo estrutural. Por fim, a fala direta ao ouvinte, usando a teoria de Louis Althusser, será interpretada como mecanismo que convoca o público à tomada de consciência acerca de seu próprio papel no sistema racial. Portanto, a análise estrutura-se a partir dos três subtítulos mencionados por meio dos quais a marginalização decorrente do racismo estrutural é construída.

Análise de dados

“Nós vs. eles”

Primeiramente, uma das estratégias linguísticas utilizadas nas canções dos Racionais MC’s para representar a marginalização da população negra devido ao racismo estrutural brasileiro é a oposição “nós vs. eles”.

Vejamos um trecho de cada canção em que esse recurso se faz presente:

“Voz Ativa” (Racionais MC’s, 1993)	“Negro Drama” (Rac. MC’s, 2002)
“Esse é o Brasil que eles querem que exista / Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque”	“Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu / Nós é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia? / Seu filho quer ser preto, ah, que ironia”

No excerto de “Voz Ativa”, os autores não dizem, explicitamente, a quem o pronome “eles” faz referência. Tal característica não parece ser acidental, já que uma identificação direta limitaria a universalidade da mensagem, ou seja, o pronome pode representar diferentes grupos ou estruturas que contribuem para a marginalização da população negra. Assim, a crítica não se restringe a um agente social específico.

Essa indeterminação, no entanto, pode ser lida de forma ambígua. Se, por um lado, ela amplia a discussão ao sistema como um todo, por outro, pode tornar o agente da opressão excessivamente abstrato. Essa leitura aproxima-se de discussões da Análise Crítica do Discurso sobre os efeitos da omissão do agente nas relações de poder (ADAMS; GONZÁLEZ-RUIZ, 2023). Desse modo, a estratégia atua, simultaneamente, como mecanismo de universalização da denúncia e como limite para a atribuição direta de culpa.

Outro ponto significativo é a expressão “sem negro no destaque”. Não se afirma apenas “sem negro”, mas “sem negro no destaque”. Isso demonstra que o racismo estrutural não se manifesta apenas pela exclusão da população negra por completo e sim sua permanência em posições subalternas. Essa lógica dialoga com a teoria da representação de HALL (2016). Para o autor, as identidades são construídas relacionalmente, raciocínio em que o grupo dominante pode afirmar sua própria identidade por meio da construção de um “outro” inferiorizado.

Ao explicitar essa exclusão do “destaque”, os Racionais evidenciam justamente esse mecanismo de construção identitária que sustenta a hierarquia racial. Ademais, o uso do verbo no presente do indicativo, “querem”, reforça a permanência dessa dinâmica de exclusão. Como discute Sílvia Luiz de ALMEIDA (2019), o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações humanas. Nesse sentido, o tempo verbal escolhido pelos compositores revela que o isolamento da população negra, situada no polo do “nós”, ocorre de maneira tão naturalizada que os mecanismos que sustentam essa exclusão podem passar despercebidos. Portanto, ao apontar a permanência dessa marginalização, as escolhas linguísticas do grupo tensionam essa aparência de normalidade e trazem à superfície aquilo que, socialmente, tende a ser ignorado.

Já no excerto de “Negro Drama”, percebe-se a recorrência de pronomes possessivos, como em “seu rádio” e “seu filho”. Essa marcação não parece neutra, pois pode sugerir uma relação entre o interlocutor e aquilo que lhe pertence ou está ligado a ele, tanto materialmente quanto simbolicamente.

O “rádio”, para além de significar um bem material, pode ser interpretado como uma forma de acesso à informação e de circulação da voz do eu lírico. Nesse sentido, o verso “Entre pelo seu rádio, tomei, cê nem viu” sugere uma inversão: embora o rádio pertença ao interlocutor, é a voz do eu lírico que passa a ocupar esse espaço. O substantivo “filho”, por sua vez, sugere uma influência sobre as futuras gerações, especialmente porque o verso “Seu filho quer ser preto, ah, que ironia” aponta para uma mudança na maneira como a identidade negra é percebida, e, de certa forma, a meu ver, pode remeter até mesmo à continuidade da humanidade.

Assim, a oposição entre “eles” e “nós” não aparece apenas como uma hierarquia fixa, mas também como uma relação que começa a ser transformada. O “nós”, associado à população negra e periférica, passa a ocupar espaços de circulação e influência sobre o próprio “eles”. Essa inversão ganha outra dimensão com as marcas de oralidade presentes no trecho, como “cê” e “nóis”. Essas escolhas reforçam a separação entre “nós” e “eles”, ao mesmo tempo que trazem para o centro da canção uma forma de falar socialmente desvalorizada em contraste com a norma-padrão, à qual a linguagem do rap oferece resistência (PINTO; MELLO, 2020).

Essa hierarquização faz com que formas de falar associadas às periferias sejam socialmente devalorizadas, enquanto aquelas próximas à norma-padrão podem ser associadas a maior prestígio social, (PINTO; MELLO, 2020).

Consequentemente, ao incorporar essa oralidade e afastar-se da norma-padrão, os Racionais MC's explicitam como as desigualdades raciais podem se manifestar também por meio da valorização desigual das formas de falar. Dessa maneira, o grupo ressignifica uma característica socialmente utilizada para marginalizar os negros transformando-a em instrumento de denúncia e resistência. Outro ponto é o uso de perguntas retóricas em “Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?”. Ao ironizar classificações estereotipadas atribuídas aos sujeitos negros, o eu lírico escancara a discriminação presente na maneira como o “eles” classifica o “nós”. Esse rebatimento evidencia como classificações estereotipadas podem reduzir a população negra a categorias rígidas, apagando suas diferenças individuais.

À luz de HALL (2016), esse movimento pode ser entendido como uma forma de contestação do discurso dominante, na qual significados associados à população negra são ressignificados. Dentro desse processo, o sujeito negro deixa de ocupar a posição de objeto da exclusão e assume a centralidade da ação, contrariando uma lógica de passividade que, na leitura proposta neste artigo, pode ser associada aos processos de marginalização produzidos pelo racismo estrutural.

Ao colocar as duas canções em perspectiva, pode-se argumentar que a oposição “nós vs eles” corre o risco de reproduzir a própria lógica que sustenta processos de exclusão. Ao estruturar a narrativa em polos aparentemente fixos, a letra poderia, à primeira vista, reafirmar barreiras identitárias rígidas. Contudo, ao longo das canções, quando se observa como essa oposição é construída em cada canção, nota-se que ela não permanece estática, mas é constantemente tensionada.

Em “Voz Ativa”, a polarização revela a naturalização da marginalização e a indeterminação dos agentes por ela responsáveis. Já em “Negro Drama”, essa divisão começa a ser tensionada quando o “nós” passa a ocupar espaços de circulação e influencia associados ao “eles”. Assim, ao analisar essas letras simultaneamente, é possível identificar que o binarismo não se limita a uma simplificação, mas pode funcionar como estratégia de visibilização de desigualdades.

Campo semântico da violência

Analisando agora o campo semântico da violência presente nas letras das músicas, entendido nesse estudo como o conjunto de palavras e expressões que se relacionam à inferiorização ou sofrimento, percebe-se o seu importante papel em retratar a marginalidade da população negra no Brasil. A seguir, destaca-se um trecho de cada canção em que a estratégia é empregada:

“Voz Ativa” (Racionais MC's, 1993)	“Negro Drama” (Rac. MC's, 2002)
“Fodidos estão sem nenhum propósito / Diariamente assinando o seu atestado de óbito”	“Túmulos, sangue, sirene, choros e velas / Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia”

Em primeiro lugar, a passagem escolhida de “Voz Ativa” mobiliza palavras associadas à morte através da metáfora “assinando o seu atestado de óbito”. A escolha do termo “atestado”, por se referir a um documento oficial vinculado a procedimentos burocráticos, aproxima simbolicamente a morte de uma linguagem institucional. Essa

escolha permite interpretar a violência não apenas como um acontecimento individual, mas como parte de estruturas sociais que contribuem para a marginalização da população negra.

Ainda, uma vez que essa mesma metáfora é acompanhada pelo advérbio temporal “diariamente”, sugere-se que a morte de indivíduos negros acontece repetidamente. O resultado disso é a exemplificação da banalização da violência: o que deveria ser excepcional torna-se parte do cotidiano, como se fosse um destino naturalizado.

Aprofundando a análise, é válido observar o termo “fodidos” na terceira pessoa do plural. Esse linguajar de baixo calão, para além de referir-se às pessoas em situações difíceis, carrega um sentido de agressividade e degradação. Como característico do gênero, os raps dos Racionais MC’s utilizam palavras desse tipo como arma simbólica, reproduzindo linguisticamente o modo agressivo e desumanizante com que a população negra é tratada na sociedade brasileira.

Ao se apropriarem dessa linguagem, os rappers transformam o insulto em denúncia. Esse movimento pode ser relacionado ao conceito de “letramentos de reexistência” de Souza (2011). Além disso, ao aparecer no plural na construção “fodidos estão”, o termo contribui para a construção de uma coletividade, evidenciando que o problema não se trata de um caso isolado, mas de um grupo inteiro que é marginalizado.

Por fim, embora os próprios sujeitos descritos como “fodidos” apareçam realizando a ação de “assinar o atestado de óbito”, não se explicita quem ou o que os conduz a essa situação. Ao não nomear os responsáveis por essa condição, o discurso dilui responsabilidades e suaviza a percepção do conflito. À luz da Análise do Discurso Crítico de Fairclough (1995), essa ausência pode ser relacionada ao apagamento da causalidade e da responsabilidade no discurso. Nesse sentido, a indeterminação contribui para representar a violência como parte de um funcionamento social difuso e sistemático, aproximando-se da lógica do racismo estrutural.

No que concerne ao trecho de “Negro Drama”, o primeiro verso constrói, desta vez por meio de uma enumeração, um cenário associado à morte. Os termos, separados por vírgulas e sem nenhum conectivo, produzem um ritmo acelerado, ao mesmo tempo que transmitem uma noção de acúmulo.

Essa sucessão de termos sem conectivos simula uma sucessão ininterrupta de acontecimentos e gera certa sensação de sufocamento, como se a violência fosse algo do qual não dá para se escapar. Em outras palavras, a linguagem encena a banalização fazendo o público notá-la na própria experiência sonora.

Analisando agora as palavras individualmente com mais atenção, observa-se que o substantivo “túmulo” representa a morte definitiva, um destino final. Já o substantivo “sangue” remete a um corpo ferido, que passou por algum nível de violência física. De modo semelhante, “sirene” é uma metonímia, podendo ser interpretada como: representação do som de uma viatura policial, o que indicaria uma possível repressão, ou como referência a uma ambulância, o que sugeriria uma emergência. No entanto, ao considerar a segunda alternativa, a disposição dos termos permite interpretar o socorro como tardio, pois “sirene” surge somente após “túmulo”, que, como mencionado, representa a morte definitiva.

De qualquer modo, em ambas as leituras, o Estado não surge como solucionador da violência, mas como agente direto ou estrutura incapaz de interrompê-la. Ademais, é perceptível que ambos os versos desse trecho são construídos a partir de estruturas nominais, sem verbos que indiquem ação ou agente. Mais uma vez, essa construção pode ser analisada à luz de Fairclough (1995) se encaixa. Ao não nomear

quem age, a violência passa a existir sem uma origem clara. Dessa forma, ela deixa de ser percebida como resultado de decisões políticas ou práticas institucionais e se transforma em uma paisagem social, algo que simplesmente está presente no cotidiano. Essa banalização, constitui, por si só, uma forma de violência estrutural.

Adicionalmente, no segundo verso, o adjetivo “passageiro”, associado à ideia de algo temporário e transitório (RIBEIRO, 2020), sugere um sujeito sem permanência nem pertencimento. Por conseguinte, ao denominar um indivíduo negro como “passageiro” de seu próprio país, transmite-se o sentido de que ele ocupa uma posição de marginalização, como se não pertencesse plenamente ao espaço em que vive. Ainda, ao citar os espaços geográficos “Brasil” e “São Paulo”, os autores ampliam essa experiência para além de um espaço periférico específico, relacionando-a também ao país e à cidade.

Ao comparar os trechos das duas canções, percebe-se que as letras reproduzem a intensidade da violência sofrida pela população negra por meio de uma linguagem deliberadamente agressiva. Essa escolha procura causar impacto e romper com a indiferença social que sustenta esse problema. Mesmo assim, é preciso reconhecer uma tensão.

A recorrência desse campo pode, em leituras superficiais, reforçar a associação histórica entre negritude e violência. Esse risco torna-se especialmente relevante diante do estereótipo do negro como criminoso, discutido por Mendes (2015). No entanto, quando inserida no contexto das letras, torna-se evidente que essa agressividade não confirma o estereótipo, mas o critica. A violência deixa de ser um atributo individual do sujeito negro e passa a ser evidência de uma estrutura que o atinge. Desse modo, o recurso não cristaliza a marginalização. Ele a denuncia e a expõe à sua verdadeira causa, o racismo estrutural.

Fala direta ao ouvinte

Por fim, mais um mecanismo utilizado para denunciar a exclusão da população negra produzida pelo racismo estrutural brasileiro é a fala direta ao ouvinte. Observa-se, a seguir, um trecho de cada canção em que tal recurso se manifesta:

“Voz tiva” (Racionais MC’s, 1993)	“Negro Drama” (Racionais MC’s, 2002)
“Você concorda / Se acomoda então, não se incomoda em ver”	“Aí, você sai do gueto / Mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?”

Em relação à passagem de “Voz Ativa”, o uso da segunda pessoa, através do pronome de tratamento “você”, estabelece um canal direto de comunicação com o público. Essa estratégia pode ser analisada a partir do conceito de interpelação ideológica de Louis Althusser, segundo o qual a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos, fazendo com que se reconheçam como destinatários do discurso (ALTHUSSER, 1970). Em vista disso, ao se dirigir diretamente ao ouvinte, a letra pode ser interpretada como uma convocação para que seu papel dentro da realidade narrada. Ou seja, a linguagem direta cria um efeito de responsabilização coletiva (CRISTINA e TFOUNI, 2023), tornando visível que a manutenção do racismo estrutural não recai apenas sobre o Estado ou sobre o opressor explícito, mas também sobre os sujeitos comuns que percebem a injustiça e permanecem indiferentes.

Isso se conecta à ideia de ALMEIDA (2019), segundo a qual o silêncio diante do racismo torna o indivíduo ética e politicamente responsável por sua manutenção.

Ademais, no segundo verso desse trecho, observa-se a presença de dois verbos morfologicamente semelhantes mas com sentidos opostos, “acomoda” e “incomoda”. Esse tipo de relação é chamado de paralelismo lexical por contraste e atribui ritmo à canção. Tal efeito, além de facilitar a fixação da mensagem pelo público, traz simetria entre as ideias, deixando-as quase que mecânicas e hipnotizantes (DA SILVA, 2016).

Metaforicamente, esse ritmo pode ser interpretado como um reflexo do comportamento social, no qual os cidadãos brasileiros, de forma automática, normalizam o racismo estrutural. Ao mesmo tempo, a conjugação dos verbos do trecho no presente do indicativo, em “concorda”, “se acomoda” e “se incomoda”, reforça a denúncia sobre a marginalização. Esse tempo verbal, comumente associado a ações habituais ou situações apresentadas como válidas no presente (NEVES, 2025), sugere que a indiferença diante do racismo estrutural acontece de maneira tão repetida que passa a integrar o próprio funcionamento das relações interpessoais.

De modo análogo, no trecho de “Negro Drama”, os Racionais MC’s fazem o uso da segunda pessoa, por meio do pronome “você”, a fim de intensificar o impacto de suas denúncias contra a marginalização das pessoas negras. Isso é possível pois, ao ser diretamente interpelado, o ouvinte é deslocado da posição de mero espectador para ocupar espaço na experiência narrada. Em decorrência disso, esse recurso impede uma escuta distante e faz a audiência refletir sobre si mesma.

Como discute REYBROUCK (2024), a experiência musical pode produzir diferentes níveis de imersão, absorção e conexão entre os sujeitos. Nesse contexto, o uso da segunda pessoa pode reforçar ainda mais a sensação de inserção do ouvinte na narrativa. Esse efeito de envolvimento impede que a escuta seja totalmente distanciada, criando uma espécie de “cola social” que mantém a audiência implicada no discurso. Dessa maneira, a interpelação não atua apenas no nível racional, mas também no afetivo, ampliando o impacto da crítica ao racismo estrutural e tornando o ouvinte parte ativa da reflexão proposta pela canção.

O substantivo “gueto” exemplifica outro recurso discursivo relevante. No sentido literal, esse termo refere-se a um bairro de uma cidade onde vivem os membros de um grupo minoritário (RIBEIRO, 2024). No contexto da canção, no entanto, essa palavra não se restringe ao espaço físico, assumindo o papel metafórico de representar a origem periférica do sujeito, incluindo seus hábitos, suas dores e experiências. Logo, ao usar essa nomenclatura em “sai do gueto” e “o gueto nunca sai de você”, cria-se uma potente crítica através de um paradoxo. Essa figura de linguagem mostra que a marginalização da população negra não acontece apenas em um espaço geográfico específico, mas acompanha a identidade de qualquer pessoa preta. pode acompanhar o sujeito mesmo quando ele deixa esse espaço. Ou seja, a exclusão simbólica pode permanecer independentemente do espaço social que o indivíduo negro passe a ocupar.

Finalmente, a fala direta ao ouvinte também acontece por meio de vocativos, como em “morô irmão?”. Nesse ato enunciativo, “morô” solicita confirmação de entendimento, enquanto “irmão” estabelece aproximação. A interrogação, porém, não funciona apenas como um recurso expressivo, mas como uma estratégia de interpelação. Conforme BENVENISTE et al. (1989), a interrogação estabelece uma relação entre locutor e interlocutor, na qual aquele que enuncia se dirige ao outro em busca de uma resposta.

Em vista disso, mesmo que não haja uma resposta verbal, a pergunta convida o público a se posicionar. Produz-se, consequentemente, um constrangimento discursivo. O ouvinte é interpelado a concordar, negar ou se omitir, mas dificilmente permanece alheio à provocação. Dessa forma, a fala direta intensifica o efeito crítico da canção, pois transforma o ouvinte em parte ativa da cena enunciativa.

Quando colocadas em diálogo, as duas canções utilizam a fala direta ao ouvinte para uma função semelhante: evidenciar que o racismo estrutural não se mantém apenas por grandes instituições, mas também por práticas cotidianas e silenciosas.

Contudo, mesmo com esse objetivo em comum, elas apresentam diferenças. Em “Voz Ativa”, o uso da segunda pessoa e o paralelismo entre “acomoda” e “incomoda” ressaltam a naturalização da omissão, sugerindo que a passividade se tornou parte do funcionamento “normal” das relações sociais. Já em “Negro Drama”, a interpelação se articula à metáfora do “gueto” e ao uso de vocativos, tornando a exclusão mais concreta e subjetiva, como algo que atravessa a identidade do sujeito negro. Assim, enquanto uma canção enfatiza a responsabilidade coletiva diante da manutenção do sistema, a outra sinaliza como essa estrutura marca o indivíduo mesmo quando ele tenta se desvincular dela.

Ao serem analisadas em conjunto, as letras demonstram que o racismo estrutural opera simultaneamente na esfera social e na experiência íntima, reproduzindo-se tanto pela indiferença quanto pela internalização de fronteiras simbólicas.

Considerações finais

Neste artigo, objetivou-se explorar os meios utilizados nas canções “Voz Ativa” e “Negro Drama”, do grupo Racionais MC’s para representar a marginalização da população negra produzida pelo racismo estrutural brasileiro. Utilizando a metodologia proposta e aplicando as teorias de Stuart Hall, Norman Fairclough e Louis Althusser, a análise evidenciou que as letras das composições incorporam estratégias discursivas para evidenciar a desvalorização da fala negra, a violência sistemática e a banalização da desigualdade social em múltiplas esferas da sociedade.

O foco na oposição ‘nós vs. eles’ permitiu identificar a fronteira simbólica que, em um país onde 72% da população reconhece a existência do racismo, mas apenas 30% admite ter preconceito contra pessoas negras (KARTER, 2025), perdura entre negros e brancos. Pode-se perceber essa característica na canção “Voz Ativa” que retrata projeto de sociedade em que a população negra não é excluída por completo, mas sistematicamente afastada dos espaços de visibilidade e poder, contribuindo para a manutenção das hierarquias raciais.

Ademais, o campo semântico da violência foi essencial para analisar o modo como uma atmosfera de tensão é criada e pode levar o ouvinte a sentir as angústias na própria pele e questionar situações previamente vistas como banais por ele mesmo. Concomitantemente, a fala direta ao ouvinte foi fundamental para compreender como a crítica é deslocada pelos Racionais MC’s do plano exclusivamente descritivo para o interpelativo. Ao empregar a segunda pessoa, por exemplo, o grupo dificulta uma escuta inteiramente passiva e pode convocar o sujeito a reconhecer seu lugar dentro da estrutura social, indicando que o racismo estrutural se sustenta não apenas por ações explícitas de opressão, mas também pela omissão cotidiana.

Em conjunto, portanto, essas estratégias, para além de representarem a marginalização, evidenciam como o racismo estrutural opera simultaneamente no plano simbólico, material e ideológico.

No entanto, ao investigar as bases do racismo estrutural e compreender a profundidade com que ele se insere na organização social brasileira, é possível reconhecer que, apesar de exercerem um impacto significativo, as canções encontram limites de atuação frente a um sistema historicamente consolidado.

Ademais, é importante reconhecer que este estudo se limita à análise de duas canções e privilegia um recorte discursivo específico, não contemplando, por exemplo, aspectos musicais. Além disso, o escopo está centrado em três recursos específicos, e as teorias mobilizadas orientam a leitura a partir de determinados recortes, deixando de lado outras linhas de pesquisa.

Dessa forma, as conclusões aqui apresentadas devem ser compreendidas como uma leitura situada, válida dentro do recorte analítico adotado e não podendo ser generalizadas ao rap brasileiro em sua totalidade. Logo, investigações futuras poderiam ampliar o *corpus* ou explorar outras dimensões semióticas. Ainda assim, este trabalho contribui para a compreensão de como produções artísticas podem elaborar críticas e transformá-las em instrumentos de consciência e resistência simbólica. Em um país marcado por desigualdades, essas produções ampliam o debate público e contribuem para uma mudança coletiva.

Referências

- ADAMS, Heather; GONZÁLEZ-RUIZ, Víctor. Is ambiguity a source of inequity? Nominalization in sustaining and effacing power asymmetries. *Just: Journal of Language Rights & Minorities, Revista de Drets Lingüístics i Minories*, v. 2, n. 2, p. 55, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9164919>. Acesso em: 24 fev. 2026.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de . *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideology and Ideological State Apparatuses*. London: Verso, 1970.
- BENVENISTE, Emile et al. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BERSANI, Humberto. Vista do Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025/147028>. Acesso em: 20 ago. 2026.
- DA SILVA, Denize. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. *Revista do GELNE*, v. 1, n. 1, p. 69–75, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9283>. Acesso em: 3 jan. 2026.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26–46.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: the Critical Study of Language*. London: Routledge, 1995.
- GARCIA DA SILVA, Denize Elena. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. *Revista do GELNE*, v. 1, n. 1, p. 69–75, 2016. Disponível: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9283>. Acesso em: 3 jan. 2026.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. 1. ed. [S.l.]: Apicuri, 2016. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Cultura-Representa%C3%A7%C3%A3o-Stuart-Hall/dp/8583170487>. Acesso em: 20 ago. 2026.

KARTER, Jonathan. Brasil é racista para 72%, mas só 30% admitem preconceito. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/brasil-e-racista-para-72-mas-so-30-admitem-preconceito/>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LAHTERMAHER, Marta. *Escrevivência: a escrita de nós — Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2026.

PINTO, Cecília Augusta Vieira; **MELLO**, Carla Cristiane. A linguagem do RAP como resistência à(s) norma(s). *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 93–113, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8348>. Acesso em: 10 jul. 2026.

MENDES, Gabriel. O RAP contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais MC's. Disponível em: <https://share.google/bgw1RNrvIZIKQ3D8p>. Acesso em: 25 fev. 2026.

MENEZES, Clara. “Voz Ativa 2020”: rapper Dexter lança releitura de música dos Racionais MC's. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaarte/2020/08/21/voz-ativa-2020---rapper-dexter-lanca-releitura-de-musica-dos-racionais-mc-s.html>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MOURA, Bruno. Quase 85% da população preta afirma ter sofrido discriminação racial. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-05/quase-85-da-populacao-preta-afirma-ter-sofrido-discriminacao-racial>. Acesso em: 16 dez. 2025.

NEVES, Flávia. Presente do indicativo - conjugação de verbos. Disponível em: <https://www.conjugacao.com.br/presente-do-indicativo/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

PEREIRA, Cilene. O corpo político do RAP: espaço de resistência. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=Eo3jTCAAAAAAJ&citation_for_view=Eo3jTCAAAAAAJ:RHpTSmoSYBkC. Acesso em: 22 dez. 2025.

REYBROUCK, Mark. Music as a tool for affiliative bonding: a second-person approach to musical engagement. *Multimodal Technologies and Interaction*, v. 8, n. 9, p. 82, 20 ago. 2026.

RIBEIRO, Débora. Gueto. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gueto/>. Acesso em: 31 ago. 2026.

RIBEIRO, Débora. Passageiro. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/passageiro/>. Acesso em: 3 jan. 2026.

SILVA, Juliana Cristina da; **TFOUNI**, Leda Verdiani. A gente se vê por aqui: a interpelação ideológica na sociedade do espetáculo. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 39, n. 2, 2023.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Recebido para publicação em 02-09-26; aceito em 24-07-26